

## INTRODUÇÃO

Muitas vezes é mais fácil escrever uma introdução para um livro que já saiu há algum tempo; a introdução torna-se, de certo modo, mais uma reflexão retrospectiva sobre o livro, escrita com as vantagens da perspectiva e da história.

*O Jogo do Leão* foi escrito em 1999 e publicado em janeiro de 2000. Destaco isto por causa dos eventos de 11 de Setembro de 2001. Muitos leitores acreditam que há referências n’*O Jogo do Leão* que preveem aquele dia terrível e muita gente lhe chamou presciente e até profético. E apesar de isto ser lisonjeiro para qualquer escritor, não pretendo ser um Nostradamus em topo de vendas. Topo de vendas, sim; Nostradamus, não.

Como é que aparentemente previ alguns dos eventos do 11 de Setembro de 2001 sem uma bola de cristal? A resposta é simples: os avisos estavam à vista de toda a gente. Os factos do primeiro ataque à Torre Norte do World Trade Center, que ocorreram em 26 de fevereiro de 1993, eram obviamente bem conhecidos quando escrevi *O Jogo do Leão* e até são mencionados no livro. Esse ataque de extremistas islâmicos, usando um camião-bomba estacionado no parque subterrâneo da Torre Norte, deveria ter sido um sinal de alerta para a América. Mas nós, o público americano e os *media*, não o vimos como um aviso do que estava para vir.

No entanto, as pessoas que trabalham no campo do antiterrorismo compreenderam *de facto* as implicações do que acontecera. Quando comecei as pesquisas para *O Jogo do Leão* tive a sorte de ter acesso aos trabalhos da Brigada Conjunta para Combater o Terrorismo em Nova Iorque, que é composta sobretudo por agentes do FBI e por detetives da Polícia nova-iorquina, assim como por detetives reformados, como a minha personagem John Corey.

Irão conhecer alguns desses homens e mulheres nesta obra de ficção, apesar de os nomes, títulos e procedimentos terem sido alterados, por razões óbvias de confidencialidade e de segurança nacional.

Voltemos ao 11 de Setembro. Enquanto conduzia entrevistas com o pessoal da JITTF para *O Jogo do Leão*, ouvia falar do «próximo ataque», e o que eu escutei quase dois anos *antes* dos eventos do 11 de Setembro de 2001 foi isto: o World Trade Center iria ser novamente um alvo e o ataque seria levado a cabo por pilotos suicidas, a voar em pequenos jatos privados carregados de combustível e explosivos, que se lançariam contra as torres Norte e Sul do Trade Center.

Isto esteve sinistramente próximo do que sucedeu de facto, por isso, quando os eventos da manhã do 11 de Setembro aconteceram, não fui apanhado de surpresa. Nem as pessoas que tinham passado anos a investigar ameaças terroristas a este país.

Na tarde do 11 de Setembro, eu já tinha recebido dúzias de telefonemas e de *e-mails*, muitos dos *media*, a perguntar como é que eu «sabia» que aquilo ia acontecer. Bem, eu não sabia, mas as coisas que ouvira enquanto pesquisava para *O Jogo do Leão* tinham obviamente repassado para a minha mente e para esta história.

Se *O Jogo do Leão* for de alguma forma presciente, isso acontece por causa do trabalho que atribuí à minha personagem principal, John Corey.

Conhecemos John Corey pela primeira vez em *Plum Island*, onde o livro tem início, na península North Fork, em Long Island, e onde Corey recupera de feridas de bala, que acabarão por o obrigar a uma reforma antecipada como detetive dos Homicídios na Polícia de Nova Iorque.

*Plum Island* era suposto ser um livro isolado — não o início de uma série —, mas a reação dos leitores a John Corey foi tão positiva que decidi trazê-lo de volta, o que fiz n' *O Jogo do Leão*. No entanto, o problema que eu tinha criado era o facto de, no final de *Plum Island*, Corey já não estar na Polícia de Nova Iorque.

A minha primeira ideia foi fazê-lo regressar de alguma forma ao seu trabalho como detetive de homicídios e usar isso como base para uma série. Mas um encontro fortuito com um fulano que eu conhecia, um antigo detetive da Polícia, deu-me outra ideia — algo mais original. Este homem tinha aceiteado um emprego como agente contratado na Brigada Federal Conjunta para Combater o Terrorismo e começara uma nova carreira no contraterro-rismo — e isso parecia ser uma boa maneira de trazer John Corey de volta.

Contudo, ao princípio tive dúvidas a respeito de pôr a minha personagem, que antes pertencera à Polícia, a trabalhar agora com os federais,

num cargo para o qual não possuía experiência nem tinha qualquer aptidão aparente. Mas, afinal, a Brigada Conjunta para Combater o Terrorismo (que ficionei como Brigada Antiterrorista) funcionou bem para John Corey e para uma série — e, assim, o livro depois de *Plum Island* foi *O Jogo do Leão*, em que vemos John Corey reencarnado como agente contratado a trabalhar para o FBI no contraterrorismo.

Quando tomei esta decisão a respeito de Corey trabalhar para a brigada, esta era uma organização relativamente desconhecida, mas depois do 11 de Setembro a Brigada passou a aparecer frequentemente nas notícias, e o novo emprego de Corey, assim como os enredos dos livros dele, tornou-se matéria de destaque. Portanto, talvez *isso* tenha sido presciente — ou simplesmente fortuito.

*O Jogo do Leão* é baseado num evento histórico — o ataque aéreo americano à Líbia a 15 de abril de 1986. Este ataque foi uma retaliação por um bombardeamento terrorista líbio a um clube noturno alemão frequentado por pessoal militar americano. E o nosso bombardeamento de retaliação à Líbia pela Força Aérea dos Estados Unidos em 1986 conduziu à colocação de uma bomba líbia no voo 103 da Pan Am, que explodiu sobre Lockerbie, na Escócia, a 21 de dezembro de 1988, matando 270 pessoas.

*O Jogo do Leão* é basicamente a respeito de mais uma retaliação líbia pelo ataque aéreo de 1986 ao seu país. Aquilo que pretendo mostrar n' *O Jogo do Leão*, e também n' *O Leão* (o seguimento d' *O Jogo do Leão*), é o ciclo de violência mundial que foi posto em movimento por ataques e retaliações que têm acontecido há quase trinta anos. Esta tornou-se, como eu digo nos meus livros de John Corey, uma guerra sem um princípio definido e uma guerra sem um fim à vista.

Para os romancistas de ação e de aventuras, a guerra ao terrorismo é a nova Guerra Fria, fornecendo o que parece ser um constante manancial de tramas, vilões, heróis e, infelizmente, vítimas. Tal como a maioria dos americanos, fiquei muito feliz quando a Guerra Fria terminou e ficarei igualmente feliz se um dia a guerra ao terrorismo terminar; arranjarei outros temas sobre os quais escrever. Mas até lá o terrorismo global irá continuar nas notícias, e, como com todas as guerras, os romancistas vão tentar dar algumas perspectivas e tentar tirar algum sentido da violência e do caos que os jornalistas relatam.

Tal como disse, uma nova introdução a um livro antigo é mais uma perspectiva histórica do que uma introdução, e espero que tenha interesse para os meus leitores que seguiram a carreira de John Corey em cinco dos meus romances, incluindo o mais recente, *O Leão*.

*O Jogo do Leão* sobreviveu em reedições por mais de uma década e presumivelmente irá sobreviver muitas mais, porque é tão atual agora como quando foi escrito. Ou então, se acharem que este livro é presciente ou profético, talvez seja até mais atual agora do que quando o escrevi.

Mas deixo essa avaliação a si, o leitor. Divirta-se!

Nelson DeMille  
Nova Iorque, 2010

# LIVRO UM

América, 15 de abril,  
Presente

*A morte teme-o  
porque ele tem o coração de um leão*

Provérbio árabe

## CAPÍTULO 1

Poderiam pensar que alguém que levou três tiros e quase se tornou um dador de órgãos iria no futuro tentar evitar situações perigosas. Mas não, devo ter um desejo inconsciente de me retirar da biodiversidade ou algo assim.

Enfim, sou o John Corey, antigamente dos Homicídios da Polícia de Nova Iorque, agora a trabalhar como agente especial contratado para a Brigada Federal Antiterrorista. Ia sentado no banco de trás de um táxi amarelo, que apanhei junto ao número 26 da Federal Plaza, na baixa de Manhattan, a caminho do Aeroporto Internacional John F. Kennedy, com um motorista suicida paquistanês ao volante.

Era um belo dia de primavera, com um trânsito moderado de sábado na Shore Parkway, por vezes conhecida como a Belt Parkway e recentemente renomeada como a Parkway Prisioneiros de Guerra/Desaparecidos em Combate, para evitar confusões. Era o fim da tarde e as gaiotas de um aterro próximo — antes conhecido como lixeira — cagavam no para-brisas do táxi. Adoro a primavera.

Eu não ia para férias, nem nada do género — apresentava-me ao serviço na mencionada Brigada Antiterrorista. Esta é uma organização que pouca gente conhece, o que até é bom. A BA está dividida em secções que se focam em grupos específicos de desordeiros e de bombistas, como o IRA, o Movimento de Independência Porto-Riquenho, os radicais negros e outros grupos que não vou referir. Estou na secção do Médio Oriente, que é o grupo maior e talvez o mais importante; no entanto, para ser franco, não sei grande coisa sobre os terroristas do Médio Oriente. Mas era suposto estar a aprender com o trabalho.

Então, para ganhar prática, meti conversa com o motorista paquistanês, que se chamava Fasid e que tanto quanto eu sabia era um terrorista, apesar de falar e de aparentar ser um tipo normal.

— Como se chamava o sítio de onde veio? — perguntei.

— Islamabad. A capital.

— A sério? Há quanto tempo está aqui?

— Dez anos.

— Gosta disto?

— Claro. Quem não gosta?

— Bem, o meu ex-cunhado, o Gary, por exemplo. Está sempre a dizer mal da América. Quer mudar-se para a Nova Zelândia.

— Tenho um tio na Nova Zelândia.

— A sério? Ficou alguém em Islamabad?

Ele riu-se e perguntou:

— Vai ter com alguém ao aeroporto?

— Porque pergunta?

— Não tem bagagem.

— Hei, você é bom.

— Então, vai ter com alguém? Posso ficar por ali e trazê-los de volta para a cidade.

O inglês do Fasid era bastante bom — gíria, expressões idiomáticas, e isso tudo.

— Tenho boleia para voltar — respondi.

— De certeza? Posso ficar por ali.

Na verdade, eu ia ao encontro de um alegado terrorista que se entregara à Embaixada dos Estados Unidos em Paris, mas achei que não precisava de partilhar essa informação com Fasid.

— Gosta dos Yankees? — perguntei.

— Já não. — E a seguir lançou-se numa tirada contra o Steinbrenner, o Yankee Stadium, o preço dos bilhetes, os salários dos jogadores, e por aí fora. Estes terroristas são espertos, parecem mesmo cidadãos leais.

Enfim, desliguei do que ele ia dizer e pensei em como tinha acabado aqui. Tal como disse, era um detetive dos Homicídios, um dos da Elite de Nova Iorque, por assim dizer. Faz este mês um ano, estava a jogar ao esquiva-te à bala com dois cavalheiros hispânicos na West 102nd Street, no que foi provavelmente um caso de confusão de identidade ou de tiro desportivo, uma vez que não pareceu haver razão para aquela tentativa de me limpar o sarampo. A vida por vezes é estranha. Enfim, os criminosos continuavam à solta, apesar de eu andar de olho atento, como podem imaginar.

Depois da minha experiência de quase morte e após ter alta do hospital, aceitei a oferta do meu tio Harry para ficar na sua casa de férias em Long Island, para me convalescer. A casa fica a cerca de cento e sessenta quilômetros da West 102nd Street, o que era bom. De qualquer maneira, enquanto lá estive, envolvi-me no duplo assassinio de um casal, apaixonei-me duas vezes e quase fui morto. Além disso, uma das mulheres por quem me apaixonei, Beth Penrose, ainda continua mais ou menos na minha vida.

Enquanto tudo isto se desenrolava no leste de Long Island, o meu divórcio chegou ao fim. E como se não estivesse já a ter umas férias más na praia, travei conhecimento profissional com um idiota da CIA chamado Tom Nash, à conta do caso do duplo homicídio, por quem tomei uma grande aversão e que por sua vez me tinha um pó desgraçado e que, imagine-se, fazia agora parte da minha equipa na Brigada. O mundo é pequeno, mas não tão pequeno assim, e eu não acredito em coincidências.

Havia também um outro fulano envolvido no caso, George Foster, um agente do FBI, que não era mau, mas com quem eu também não simpatizava lá muito.

De qualquer modo, afinal, este duplo homicídio não era um caso federal, e o Nash e o Foster desapareceram, reaparecendo na minha vida há cerca de quatro semanas, quando fui destacado para esta equipa da Brigada para o Médio Oriente. Mas não há problema, já pedi a transferência para a secção do IRA, o que provavelmente vou conseguir. Não tenho qualquer opinião particular a respeito do IRA, mas pelo menos as miúdas são jeitosas, os fulanos são mais divertidos do que os terroristas árabes e os *pubs* irlandeses são de primeira. Poderia fazer um bom trabalho na secção anti-IRA. A sério.

Enfim, depois de toda aquela trapalhada em Long Island, ofereceram-me esta ótima escolha, entre ser levado ao conselho disciplinar da Polícia de Nova Iorque, por ter um segundo emprego, ou aceitar uma pensão por invalidez e sair. Aceitei a pensão, mas também negocieei um emprego no John Jay College de Justiça Criminal, em Manhattan, onde moro. Antes de ter sido alvejado, dei aulas no John Jay como professor adjunto, portanto, não estava a pedir muito, e consegui-o.

Comecei em janeiro e ensinava duas turmas noturnas e uma diurna no JJ, mas estava a ficar chateado de morte, e então o meu antigo parceiro Dom Fanelli soube deste programa de agentes especiais contratados dos federais, onde recrutam antigos funcionários das forças da lei para trabalhar na brigada. Candidatei-me, fui aceite, provavelmente por todos os motivos errados, e aqui estou. O salário é bom, os benefícios não são maus e os federais são quase todos idiotas. Tenho este problema com os federais, tal como a maioria dos *bóffas*, e nem mesmo um treino de sensibilidade iria ajudar.

No entanto, o trabalho parece interessante. A brigada é um grupo único e, poderia dizer, de elite (apesar dos idiotas) que só existe em Nova Iorque e arredores. É formada sobretudo por detetives da Polícia, que são ótimos tipos, FBI e alguns fulanos meio civis como eu, contratados para não deixar a equipa dispersar-se. Além disso, em algumas equipas, quando é preciso, há umas primas-donas da CIA e também algum pessoal do DAN (Departamento Administrativo de Narcóticos), que sabem do seu ofício e saem das ligações entre o tráfico de droga e o mundo dos terroristas.

Outros jogadores da equipa incluem gente do Gabinete do Álcool, Tabaco e Armas de Fogo de Waco, Texas, mais uns *bófiás* de distritos suburbanos e da Polícia de Nova Iorque. Há ainda outros federais de agências que não posso nomear e, por último, temos alguns detetives da Autoridade dos Transportes destacados para algumas equipas. Estes tipos da AT são úteis em aeroportos, terminais de autocarros, estações de comboio, docas, algumas pontes e túneis sob o seu controlo e outros sítios, tal como o World Trade Center, que o seu pequeno império abrange. Temos tudo razoavelmente bem coberto, mas mesmo que não tivéssemos, já impressiona bastante.

A Brigada Antiterrorista fez parte dos grupos de investigação no bombardeamento do World Trade Center e na explosão do TWA 800 em Long Island. Mas por vezes alargamos a nossa intervenção. Por exemplo, também enviámos uma equipa para ajudar no bombardeamento da embaixada africana, apesar de o nome da Brigada mal ter sido mencionado nas notícias, o que agrada a eles. Tudo isto aconteceu antes do meu tempo e as coisas têm estado bastante sossegadas desde que cá estou, como *me* agrada.

A razão para os todo-poderosos federais decidirem juntar-se à Polícia de Nova Iorque e formarem a Brigada, já agora, é o facto de a maioria do pessoal do FBI não ser de Nova Iorque e não distinguir uma sandes de *pastrami* do metro da Lexington Avenue. Os tipos da CIA são um tanto mais sofisticados e falam de cafés em Praga e do comboio noturno para Istambul, e dessas tretas todas, mas Nova Iorque não é o seu sítio favorito. A Polícia tem gente batida nas ruas e do que precisam para seguir o rasto de Abdul Salami-Salami, de Paddy O'Bera, de Pedro Viva Puerto Rico, e por aí fora.

Os federais médios são brancos universitários de West Wheatfield, no Iowa, enquanto os polícias nova-iorquinos têm muitos hispânicos, montes de negros, um milhão de irlandeses e agora até alguns muçulmanos, por isso temos uma diversidade cultural na corporação que não é apenas fixe e correcta, mas útil e eficiente. E quando a Brigada não consegue roubar pessoal da Polícia ainda no ativo, contrata ex-polícias como eu. Apesar da minha dita invalidez, estou armado, sou perigoso e bera. Portanto, aqui têm.

Estamos a chegar ao JFK e digo a Fasid:

— Então o que fez na Páscoa?

— Páscoa? Não celebro a Páscoa. Sou muçulmano.

Estão a ver como sou esperto? Os federais iam fazer este tipo suar durante uma hora para o obrigarem a admitir que era muçulmano. Eu saquei-lho em dois segundos. Estou a brincar. Mas, compreende, tenho de sair da secção do Médio Oriente e de entrar para o grupo do IRA. Sou parte irlandês e parte inglês e podia trabalhar nos dois lados da questão.

Fasid saiu da Shore-Belt-Parkway Prisioneiros de Guerra/Desaparecidos em Combate e entrou na Van Wyck Expressway, em direção a sul, para o Aeroporto JFK. Havia aviões enormes como que a flutuar por cima das nossas cabeças, a fazer ruídos queixosos, e Fasid disse-me:

— Para onde vai?

— Chegadas internacionais.

— Que companhia?

— Há mais do que uma?

— Sim. Há vinte, trinta, quarenta...

— A sério? Vá andando.

Fasid encolheu os ombros, como um taxista israelita. Começava a pensar que talvez ele fosse agente da Mossad a fazer-se passar por paquistanês. Ou talvez este trabalho estivesse a contaminar-me.

Havia uma série de placas coloridas e numeradas ao longo da autoestrada e deixei-o ir para as chegadas internacionais, uma estrutura enorme com todos os logótipos das companhias de aviação, umas ao lado das outras, e ele voltou a perguntar:

— Que companhia?

— Não gosto de nenhuma destas. Continue.

Mais uma vez ele encolheu os ombros.

Fi-lo seguir para outra estrada e dirigimo-nos para o outro lado do grande aeroporto. Isto é uma boa estratégia, para vermos se alguém nos está a seguir. Aprendi isto num romance de espionagem qualquer ou talvez num filme do James Bond. Tentava entrar no espírito desta coisa antiterrorista.

Pus Fasid na direção certa e disse-lhe que parasse à frente de um grande edifício de escritórios no lado oeste do JFK, com diversas funções. Toda esta área está cheia de edifícios de serviços do aeroporto indefinidos e de armazéns, onde ninguém repara nas idas e vindas e é fácil estacionar. Paguei ao fulano, dei-lhe gorjeta e pedi um recibo com a quantia exata. A honestidade é um dos meus poucos defeitos.

Fasid deu-me uma série de recibos em branco e perguntou novamente:

— Quer que eu fique por aqui?

— Se eu fosse a si, não ficaria.

Dirigi-me ao átrio do edifício, com uma espécie de bodega de arquitetura moderna dos anos sessenta, e em vez de um guarda armado com uma *Uzi*, como têm em todo o mundo, havia apenas uma placa a dizer ÁREA RES-TRITA — SÓ PARA PESSOAL AUTORIZADO. Ou seja, partindo do princípio de que sabemos ler inglês, sabemos se somos bem-vindos ou não.

Subi umas escadas e percorri um corredor comprido com portas de aço cinzento, algumas assinaladas, algumas numeradas, outras sem nada. Ao fundo do corredor havia uma porta com uma bela placa azul e branca que dizia CLUBE CONQUISTADOR — PRIVADO — SÓ PARA MEMBROS.

Havia um leitor de cartões ao lado da porta, mas tudo o resto a respeito do Clube Conquistador era falso. O que tinha de fazer era encostar o meu polegar direito à superfície translúcida do leitor, e assim fiz. Uns dois segundos mais tarde, o génio metabiótico disse para si mesmo: «Hei, isto é o polegar do John Corey — vou abrir a porta para o John.»

E a porta *abriu-se* para trás? Não, *deslizou* para dentro da parede, assim como o seu puxador a fingir. Preciso destes disparates?

Havia também uma câmara de vídeo por cima da nossa cabeça, para o caso de a nossa impressão digital ficar borrada com uma barra de chocolate ou coisa parecida, e se eles reconhecerem a nossa cara também abrem a porta; contudo, no meu caso poderiam abrir uma exceção.

Então lá entrei e a porta deslizante fechou-se automaticamente. Estava agora no que parecia ser a área de receção de um clube de viajantes aéreos. Porque é que haveriam de ter um clube destes num edifício que nem sequer ficava perto de um terminal de passageiros é uma questão que eu poria com certeza, mas ainda estou à espera da resposta. Porém, sei qual é; quando a cultura da CIA está presente, temos estes disparates de faz de conta. Estes palhaços gastam tempo e dinheiro em efeitos teatrais, tal como nos velhos tempos, quando tentavam impressionar o KGB. Aquilo de que a porta precisava era de uma simples placa a dizer PROIBIDA A ENTRADA.

Enfim, atrás do balcão estava Nancy Tate, a rececionista, uma espécie de Miss Money Penny, um modelo de eficiência e de sexualidade reprimida, e isso tudo. Simpatizava comigo por qualquer razão e saudou-me alegremente:

— Boa tarde, Mr. Corey.

— Boa tarde, Ms. Tate.

— Já toda a gente chegou.

— Fiquei retido no trânsito.

— Na verdade, está dez minutos adiantado.

— Oh...

— Gosto da sua gravata.

— Tirei-a a um búlgaro morto no comboio noturno para Istambul.

Ela riu-se.

Enfim, a área da receção era toda de cabedal e madeira de raiz, alcatifa de pelo azul, e por aí fora, e na parede por trás de Nancy havia outro logótipo do fictício Clube Conquistador. E tanto quanto eu sabia, Ms. Tate era um holograma.

À esquerda de Ms. Tate havia uma entrada assinalada como ÁREA DE CONFERÊNCIAS E NEGÓCIOS, que na verdade conduzia às salas de interrogatório e às celas, a que eu deduzo que se podia chamar a área de conferências e negócios. À direita, uma placa anunciava SALÃO E BAR. Queria eu. Aquilo era de facto a porta para o centro de comunicações e de operações.

— Centro de operações — disse Ms. Tate. — São cinco pessoas, contando consigo.

— Obrigado.

Atravessei a porta e fui por um corredor curto até à sala escura, cavernosa e sem janelas onde se encontravam as secretárias, os computadores, os cubículos e coisas assim. Na grande parede ao fundo estava um enorme mapa do mundo a cores, gerado por computador, que podia ser programado para mostrar um mapa detalhado do que quer que fosse preciso, como a baixa de Islamabad. Típico da maioria das instalações federais, este sítio tinha todos os arrebiques. O dinheiro não é problema na Federolândia.

De qualquer maneira, estas instalações não eram o meu local de trabalho, que fica no já mencionado número 26 da Federal Plaza, na baixa de Manhattan. Mas era aqui que eu tinha de estar neste sábado à tarde para receber e saudar um árabe qualquer que queria mudar de lado e que precisava de ser levado em segurança para a cidade, para alguns anos de interrogatório.

Ignorei praticamente os meus colegas de equipa e dirigi-me ao balcão do café, que, ao contrário do que havia na minha antiga sala da brigada de detetives, está arrumado, limpo e bem abastecido, com os cumprimentos dos contribuintes federais.

Fiquei por ali um bocado às voltas com o café, que era a maneira de evitar os meus colegas por mais alguns minutos.

Tirei o café da cor certa e reparei num tabuleiro com *donuts* que dizia Polícia de Nova Iorque, um outro com *croissants* e brioches que dizia CIA e um terceiro com bolachas de aveia que dizia FBI. Alguém tinha sentido de humor.

Enfim, o balcão do café ficava no lado das operações da sala grande e a parte comum estava mais ou menos elevada, sobre uma plataforma baixa. Uma agente de serviço monitorizava todos os aparelhómetros e engenhocas.

A minha equipa estava sentada no lado das operações, em volta da secretária vazia de alguém, absorvida na conversa. Era composta pelo já

mencionado Ted Nash, da CIA, e por George Foster, do FBI, mais Nick Monti, da Polícia de Nova Iorque, e Kate Mayfield, do FBI. Branco, branco, italiano, branco.

Kate Mayfield veio até ao balcão do café e começou a preparar um chá. É suposto ser ela a minha mentora, seja lá o que isso signifique. Desde que não signifique parceira.

— Gosto dessa gravata — disse-me ela.

— Uma vez estrangulei um guerreiro ninja até à morte com ela. É a minha favorita.

— A sério? Hei, e que tal se está a dar por aqui?

— Diga-me você.

— Bem, é muito cedo para lhe dizer. Diga-me porque se candidatou para a secção do IRA.

— Bem, os muçulmanos não bebem, não consigo soletrar a porra dos nomes deles nos meus relatórios e não se pode engatar as mulheres.

— Esse é o comentário mais racista e sexista que já ouvi.

— Então não anda muito por aí.

— Isto não é a Polícia de Nova Iorque, Mr. Corey.

— Não, mas *eu sou* da Polícia de Nova Iorque. Habitue-se.

— Já acabámos de tentar escandalizar e provocar?

— Já. Escute, Kate, agradeço-lhe pela sua intromissão, quer dizer, pela sua orientação, mas daqui a uma semana vou estar na secção do IRA ou deixar o emprego.

Ela não respondeu.

Olhei para ela enquanto andava às voltas com um limão. Tinha cerca de trinta anos, calculei, loura, olhos azuis, pele clara, constituição do tipo atlético, dentes brancos e perfeitos, sem joias, maquilhagem leve, e por aí fora. Uma menina branca de Wichita. Não tinha nenhum defeito que eu conseguisse ver, nem mesmo uma borbulha na cara ou um resquício de caspa no seu casaco azul-escuro. De facto, parecia ter sido retocada a *airbrush*. Provavelmente praticava três desportos no liceu, tomava duches frios, pertencia ao 4-H<sup>1</sup> e organizava festas desportivas na faculdade. Detestava-a. Bem, nem por isso, mas praticamente a única coisa que tínhamos em comum eram alguns órgãos internos, e nem sequer todos.

Além disso, o sotaque dela era difícil de identificar, e eu lembrava-me que Nick Monti dissera que o pai dela era um tipo do FBI e que tinham vivido em sítios diferentes pelo país.

Ela virou-se e olhou-me, e eu olhei para ela. Tinha uns olhos penetrantes, da cor do corante azul n.º 2, como o que usam nos gelados.

<sup>1</sup> Organização juvenil que promove a cidadania. (N. da T.)

— Você chegou até nós altamente recomendado — disse ela.

— Por quem? De quem?

— Por alguns dos seus antigos colegas dos Homicídios.

Não respondi.

— Além disso — disse ela —, pelo Ted e pelo George. — Fez um gesto com a cabeça para o Idiota e o Imbecil.

Quase me engasguei com o café. Estes dois tipos dizerem alguma coisa simpática a meu respeito tornava-se um mistério.

— Eles não simpatizam consigo, mas impressionou-os naquele caso em Plum Island.

— Pois, até me impressionei a mim mesmo.

— Porque não dá uma hipótese à secção do Médio Oriente? — E acrescentou: — Se o problema for o Ted e o George, podemos transferi-lo para outra equipa dentro da secção.

— Adoro o Ted e o George, mas estou realmente virado para a secção anti-IRA.

— Tanto pior. A verdadeira ação está aqui. É onde se faz carreira. O IRA está muito sossegado e bem-comportado neste país.

— Ótimo. De qualquer maneira, não preciso de uma nova carreira.

— Por outro lado, os grupos palestinianos e islâmicos são potencialmente perigosos para a segurança nacional.

— Não há aqui nenhum «potencialmente» — respondi. — World Trade Center.

Ela não respondeu.

Viria a descobrir que essas três palavras na brigada eram como: «Recordem Pearl Harbour.» A comunidade de espionagem tinha sido apanhada com as calças na mão, mas recuperara e resolvera o caso; portanto, era um empate.

— Todo o país está paranoico a respeito de um ataque biológico terrorista ou de um ataque nuclear ou químico do Médio Oriente — continuou ela. — Viu isso no caso de Plum Island. Certo?

— Certo.

— E então? Tudo o resto na brigada está estagnado. A ação a sério está na secção do Médio Oriente e você parece um homem de ação. — Sorriu.

Sorri também.

— E depois?

— Gosto de si.

Soergui as sobrancelhas.

— Gosto de neandertais de Nova Iorque.

— Estou sem palavras.

— Pense nisso.

— Vou pensar. — Dei uma olhadela a um monitor de televisão ali perto e vi que o voo que esperávamos, o Transcontinental 175 de Paris, estava a chegar, e à hora. — Quanto tempo acha que isto vai demorar? — perguntei a Ms. Mayfield.

— Talvez duas ou três horas. Uma hora de papelada aqui, a seguir voltar à Federal Plaza com o nosso alegado dissidente, e depois logo vemos.

— Vemos o quê?

— Está com pressa para ir a algum lado?

— Mais ou menos.

— Lamento que a segurança nacional esteja a interferir com a sua vida social.

Não tinha uma boa resposta para isto, por isso disse:

— Sou um grande apoiante da segurança nacional. Sou todo seu até às seis horas.

— Pode ir-se embora quando quiser. — Pegou no seu chá e foi juntar-se aos nossos colegas.

Fiquei ali com o meu café, a considerar a proposta para me pôr a andar. Olhando para trás, eu era como o tipo que pisa areia movediça, vejo-a cobrir os meus sapatos, curioso para ver quanto tempo demora a chegar às meias, sabendo que podia sair dali a qualquer altura. Infelizmente, quando voltei a olhar para baixo já estava enterrado até aos joelhos.